



Bolsas Na terça-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Últimas cotações (em R\$)	Euro Comercial, venda na terça-feira	Capital de giro Na terça-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,87% São Paulo	105.811 101.915	R\$ 1.100	Na terça-feira R\$ 5,635 (+0,46%)	R\$ 6,380	6,76%	8,75%	Junho/2021 0,53 Julho/2021 0,96 Agosto/2021 0,87 Setembro/2021 1,16 Outubro/2021 1,25
	24/11 25/11 29/11 30/11		23/novembro 5,608 24/novembro 5,594 25/novembro 5,598 29/novembro 5,610				

TRABALHO

Desemprego cai, mas informalidade avança

Taxa de desocupação recua para 12,6% no terceiro trimestre. Vacinação permite retomada de atividades, porém o país ainda tem 13,5 milhões de pessoas à procura de emprego. Rendimento dos trabalhadores diminui

» MARIA EDUARDA CARDIM

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada, ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que a taxa de desemprego no Brasil recuou 1,6% do segundo para o terceiro trimestre deste ano, ao atingir a marca de 12,6% nos meses de julho, agosto e setembro de 2021. No entanto, a falta de trabalho ainda atinge 13,5 milhões de pessoas. Para o Ministério da Economia, a retomada da atividade econômica é resultado da vacinação em massa e do aumento da mobilidade da população brasileira.

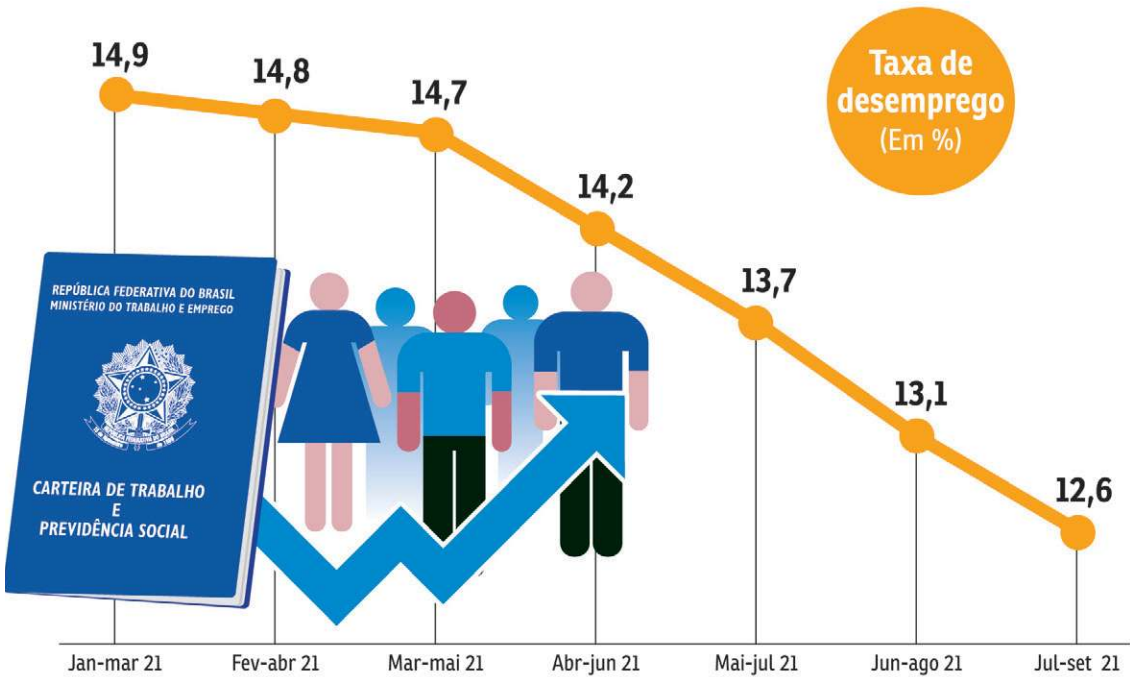
A pesquisa do IBGE destaca que a informalidade responde por 54% do crescimento da ocupação. Entre as categorias de emprego que mais cresceram do segundo para o terceiro trimestre deste ano estão os empregados do setor privado sem carteira assinada (10,2%). Além disso, houve aumento de 9,2% no número de trabalhadores domésticos, que chegou a 5,4 milhões de pessoas — número ainda menor do que no período pré-pandemia. No primeiro trimestre do ano passado, havia 6 milhões de trabalhadores domésticos.

Outra categoria que cresceu

Valdo Virgo

MELHORA GRADUAL

Taxa de desocupação recua, mas número dos que procuram emprego ainda é alto, e renda cai



e atingiu o maior número desde o início da série histórica da pesquisa foi a dos trabalhadores por conta própria, que são 25,5 milhões. Esse contingente inclui os trabalhadores que não têm CNPJ, cujo número cresceu 1,9% em relação ao último trimestre anterior.

De forma geral, os ocupados

chegaram a 93 milhões, com crescimento de 4% entre um trimestre e outro, sendo que destes 66,4% estavam empregados, 4,1% eram empregadores, 2,1% são trabalhadores familiares auxiliares e 27,4% pessoas que trabalhavam por conta própria.

“No terceiro trimestre, houve um processo significativo de

crescimento da ocupação, permitindo, inclusive, a redução da população desocupada, que busca trabalho, como também da própria população que estava fora da força de trabalho e nem buscava emprego”, avaliou a coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, Adriana Beringuy.



Fonte: IBGE

também o menor rendimento médio registrado pelo IBGE desde o final de 2012.

A análise de Beringuy indica que o aumento da ocupação foi puxado por postos de trabalho com salários menores. “Há um crescimento em ocupações com menores rendimentos e também há perda do poder de compra devido ao avanço da inflação”, avaliou.

Na análise do Ministério da Economia, o aumento da mobilidade e da vacinação em massa da população brasileira proporcionam a retomada da atividade econômica. “Essa dinâmica se reflete no recuo da taxa de desocupação”, diz nota informativa da Secretaria de Política Econômica (SPE) da pasta. A expectativa da SPE é de que nos próximos meses o nível de ocupação siga subindo, “puxado, principalmente, pelo aumento de participação do mercado informal, além da tendência positiva no mercado de trabalho formal”.

Em todas as regiões, foi possível observar diminuição da taxa de desocupação. Os estados que possuem maiores taxas de desemprego são Pernambuco (19,3%), Bahia (18,7%), Amapá (17,5%) e Alagoas (17,1%). As menores taxas foram registradas em Santa Catarina (5,3%), Mato Grosso (6,6%), Mato Grosso do Sul (7,6%) e Rondônia (7,8%).

Renda cai

Apesar da queda do desemprego, o rendimento médio dos brasileiros caiu pelo 4º trimestre seguido, para R\$ 2.459. Houve queda de 4% ante o trimestre anterior e de 11,1% em relação a igual trimestre de 2020. É

Serviços puxam aumento de contratações formais

» FERNANDA STRICKLAND

A economia brasileira criou 253.083 vagas de trabalho com carteira assinada em outubro. O setor de serviços foi destaque, pois abriu 144.641 postos formais, seguido pelo comércio, com 70.355 novas vagas. Os dados fazem parte do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Previdência.

O economista Benito Salomão, mestre em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia, explicou que 253.083 é um número relevante para o país. “E o fato de esse número estar se concentrando em serviços indica que o avanço da vacinação e a reabertura do setor começaram a repercutir no emprego”, disse.

Pelos dados do Caged, a indústria gerou 26.697 vagas,

enquanto houve um saldo de 17.236 contratações na construção civil. Por outro lado, com o fechamento de 5.844 postos de trabalho, o setor de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura foi o único com balanço negativo no mês passado.

De janeiro a outubro foram criados 2.645.974 novos empregos formais, decorrente de 17.209.495 admissões e

de 14.563.521 desligamentos. Se as contratações aumentaram, a remuneração dos trabalhadores diminuiu. Em outubro, o salário médio de admissão nos empregos com carteira assinada recuou pelo sétimo mês consecutivo e passou de R\$ 1.815,71, em setembro, para R\$ 1.795,46.

Em evento da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (Cbic), antes da divulgação

dos números do Caged, o ministro do Trabalho e Previdência, Onyx Lorenzoni, previu que a criação de empregos formais deverá continuar crescendo nos próximos meses e bater recorde neste ano.

Revisão

O governo, porém, revisou os dados do ano passado. Segundo o Ministério do Trabalho, em

2020, o país perdeu 191.502 mil vagas formais, ao invés de ter criado 142.690, como foi divulgado no início deste ano. Na época, o ministro da Economia, Paulo Guedes, então responsável pela gestão do Caged, comemorou a notícia. “Em um ano terrível em que o PIB caiu 4,5%, criamos 142 mil novos empregos”, disse Guedes. O Ministério do Trabalho considerou normal a revisão dos dados estatísticos.

IMPRENSA

Editor do Correio entre os jornalistas mais admirados do país

Editor executivo do **Correio Braziliense**, Vicente Nunes foi eleito o segundo jornalista de economia, negócios e finanças mais admirado do país, em votação popular promovida pelo site *Jornalistas & Cia*. Desde a criação do prêmio, há seis anos, em cinco edições Vicente, que é repórter há 34 anos, dos quais 21 no **Correio**, ficou entre os 10 mais admirados.

“É uma honra fazer parte desse time seleto de profissionais, muitos dos quais são referências para a minha formação. Fico ainda mais feliz por ter a oportunidade de fazer parte do jornalismo combativo, cuja única missão é oferecer informação de qualidade e confiável à população”, disse Vicente Nunes.

Formado pela Universidade

Gama Filho, no Rio de Janeiro, Vicente tem passagens pelo *Jornal do Commercio*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo* e *Gazeta Mercantil*. Pelo **Correio**, foi repórter especial, colunista, correspondente em Nova York e editor de Economia. Finalista 12 vezes do Prêmio Esso, o mais importante do país, venceu em três oportunidades: 2009, 2014 e 2015.

“Tenho muito orgulho pelo trabalho realizado no **Correio**. E só tenho a agradecer a todos que, diariamente, fazem do jornal um dos veículos mais respeitados do país”, afirma. O **Correio** ficou na lista dos jornais impressos mais admirados do Brasil no mesmo ranking.

Vicente também venceu o Prêmio Especialistas na área de

finanças, promovido pelo Centro de Estudos da Comunicação, ao lado de Míriam Leitão, do Grupo Globo, e de Denise Campos de Toledo, da TV Gazeta. Foi a terceira premiação seguida.

A entrega da honraria está marcada para 7 de dezembro. “Esses prêmios têm importância maior neste momento em que a imprensa séria, profissional, é atacada diariamente. Mas a resiliência do jornalismo é grande e foi fundamental por manter a população informada durante a pandemia”, ressaltou o jornalista, também apresentador dos programas *CB.Poder* e *CB.Agro*, parcerias do **Correio** com a TV Brasília.

A lista dos cinco profissionais mais admirados, segundo o *Jornalistas & Cia*, incluem Thiago

Salomão (1º), do Stock Pickers; Adriana Fernandes (3º), de *O Estado de São Paulo*; Carlos Alberto Sardenberg (4º), do Grupo Globo; e Míriam Leitão (5º). Diretor do Portal dos Jornalistas e criador do Prêmio dos Mais Admirados, Eduardo Ribeiro diz que o ano foi de votação recorde, com muitos rostos novos, profissionais que estão pela primeira vez entre os mais admirados.

“Que este prêmio seja um incentivo ao jornalismo, que se torna cada vez mais importante em informar a sociedade, no combate às fake news e às injustiças e na luta pela democracia, e que, empenhado em tantos desafios, defronta-se contra o maior de todos, o da sustentabilidade. Vida longa ao jornalismo de qualidade”, disse Ribeiro.

Minervino Jnior/CB/D.A Press



Vicente Nunes: três prêmios Esso de economia no currículo